



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RONALLY DE PAIVA SANTANA

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS TRABALHADORAS DE UMA
INDÚSTRIA TÊXTIL NO MUNICÍPIO DE GUARABIRA - PB**

**GUARABIRA - PB
2020**

RONALLY DE PAIVA SANTANA

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS TRABALHADORAS DE UMA
INDÚSTRIA TÊXTIL NO MUNICÍPIO DE GUARABIRA - PB**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva.

**GUARABIRA - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232s Santana, Ronally de Paiva.

Os sentidos do trabalho para as trabalhadoras de uma Indústria Têxtil no Município de Guarabira - PB [manuscrito] / Ronally de Paiva Santana. - 2020.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.

Orientação : Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva , Coordenação do Curso de Pedagogia - CH.

1. Mulher. 2. Trabalho. 3. Indústria têxtil. 4. Implicações psicossociais. I. Título

21. ed. CDD 330

RONALLY DE PAIVA SANTANA

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS TRABALHADORAS DE UMA
INDÚSTRIA TEXTIL NO MUNICÍPIO DE GUARABIRA – PB

Artigo apresentado ao Programa de
Graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

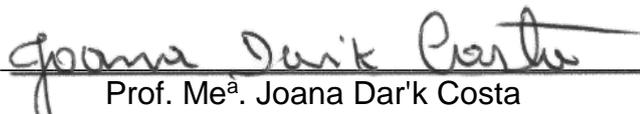
Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente

Aprovada em: 03 / 12 / 2020

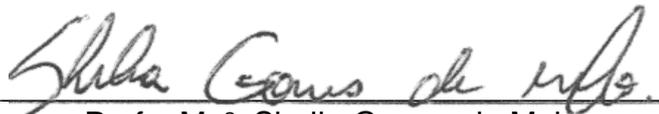
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)



Prof. Meª. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)



Profa. Meª. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

“As histórias aqui contadas refletem as mais variadas realidades: o campo e a cidade, o norte, o sudeste e o sul. Os mais diferentes espaços: a casa, a rua, a fábrica e o sindicato, o campo e a escola, a literatura e as páginas de revista. E, finalmente, os múltiplos extratos sociais: escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, heroínas românticas, donas de casa, professoras, boias-frias.”

(Mary Del Priore, p. 8, 1997)

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	7
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3.1 Conceito de trabalho.....	8
3.2 Condições e relações de trabalho	10
3.3 Impactos psicossociais do trabalho.....	11
3.4 A Inserção da mulher no mercado de trabalho.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
5 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS.....	22

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA AS TRABALHADORAS DE UMA INDÚSTRIA TEXTIL NO MUNICÍPIO DE GUARABIRA - PB

THE MEANINGS OF WORK FOR WORKERS IN A TEXTILE INDUSTRY IN THE CITY OF GUARABIRA – PB

RONALLY DE PAIVA SANTANA¹

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo verificar as condições de vida e de trabalho das mulheres que trabalham na indústria têxtil, localizada no município de Guarabira – PB. Buscou - se analisar as condições e relações de trabalho na qual essas mulheres estão inseridas, bem como o sentido por elas atribuído ao trabalho e suas implicações psicossociais. Utilizamos metodologicamente a pesquisa de campo, de natureza qualitativa. Os dados foram coletados mediante entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas 08 trabalhadoras que aderiram livre e voluntariamente à pesquisa. Os dados permitem ressaltar a importância da inserção no mercado de trabalho para a construção da autonomia das mulheres participantes e, ao mesmo tempo, revelar como essa inserção traz implicações na saúde das mulheres sobretudo pelas condições e relações de trabalho marcadas pela exploração dessas trabalhadoras.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Indústria Têxtil. Implicações Psicossocial.

ABSTRACT

This work aims to verify the living and working conditions of women working in the textile industry, located in the city of Guarabira - PB. We will seek to analyze the working conditions and relationships in which these women are inserted, as well as the meaning they attribute to work and the psychosocial implications of it. We methodologically use field research, of a qualitative nature. Data were collected through semi-structured interviews. Eight workers were interviewed who freely and voluntarily joined the research. The data allow to emphasize the importance of insertion in the labor market for the construction of the autonomy of the participating women and, at the same time, to reveal how this insertion has implications for the health of women, above all due to the working conditions and relationships marked by the exploitation of these workers.

Keywords: Woman. Job. Textile industry. Psychosocial Implications.

1 INTRODUÇÃO

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: ronallysantanas@gmail.com

Este trabalho advém de uma pesquisa de campo correspondente as mulheres trabalhadoras da indústria têxtil no município de Guarabira, trata - se de refletir sobre o lugar do trabalho no cotidiano dessas mulheres e os impactos psicossociais que refletem na sua vida. Trata -se também de uma abordagem das suas inquietações e dificuldades na busca de seu espaço na sociedade.

De acordo com Aranha (1996), O trabalho – que é a transformação do homem sobre a natureza - modifica também a maneira de pensar, agir e sentir, de modo que nunca permanecemos os mesmos ao fim de uma atividade, qualquer que ela seja. E nesse sentido, é que dizemos que, pelo trabalho, o homem se o autoproduz, ao mesmo tempo em que produz sua própria cultura (ARANHA, 1996, P. 56 *apud* CORREA e SOUZA, 2016, p. 131).

Assim, segundo Kanane (2009), a relação que se pode estabelecer entre o trabalho e a existência está centralizada nas constantes necessidades de verificar os diversos significados atribuídos pelo homem ao espaço social ocupado no contexto do trabalho (KANANE, 2009 *apud* PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

Ao longo da história, na formação do mundo desde lá dos primórdios até a contemporaneidade encontraremos vários significados e modelos de organizações e visões do que o trabalho foi e é para uma sociedade. Podemos perceber que o trabalho adquire sentidos e significados dicotômicos, pois se por um lado ele é condição de vida e de saúde, contendo, portanto, um valor educativo, de edificação do ser social, por outro lado, sobretudo em sua face alienada, o trabalho aponta para uma desumanização dos homens e mulheres, implicando em adoecimento diversos e, não raramente, na morte. E é dentro desse aspecto que chamaremos a atenção para a figura da mulher. Como podemos observar a construção do que é trabalho varia muito, contextualizando com os momentos históricos e, é nessa discussão que veremos como a mulher atua nesse cenário.

Partindo desse pressuposto, a inserção da mulher na indústria têxtil está relacionada com o seu enquadramento no mercado de trabalho, o qual sofreu grandes repercussões no decorrer do tempo, pois passaram-se longos séculos de muitas lutas para que elas conseguissem conquistar seus direitos trabalhistas e reconhecimento social.

As histórias aqui contadas refletem as mais variadas realidades: o campo e a cidade, o norte, sudeste e o sul. Os mais diferentes espaços: a casa e a rua, a fábrica e o sindicato, o campo e a escola, a literatura e as páginas de revista. E finalmente, os múltiplos extratos sociais: escravas, operárias, sinhazinhas, burguesas, heroínas românticas, donas de casa, professoras, boias – frias (Del Priore, 2004, p. 7 e 8 *apud* SIMIONATO e OLIVEIRA, 2016, p. 3).

Sabe-se que só o fato de nascer mulher nos séculos passados, já era algo que remetia a fraqueza ou inferioridade, sendo incapaz de tomar as próprias decisões embora avançando em passos firmes, ainda é possível ver resquícios dessa empobrecida construção. Os filhos homens eram esperados com honra, pois ali estaria o sucessor de um homem pra carregar o sobrenome da família. Já a filha ainda pequena, o pai tecia seu destino com casamentos arranjados com aqueles que tinham posses ou um sobrenome de destaque. E assim foi a vida das mulheres por dezenas e dezenas de anos, silenciadas, violadas, abusadas em todos os aspectos possíveis, era como marionete, seus passos sempre nas mãos de alguém, indicando a onde ir, como ir. Sua participação na sociedade só foi possível quando seu direito a democracia se estabeleceu, e foi no ano de 1932 que o direito ao voto foi concebido pelo primeiro código eleitoral brasileiro. Com tudo, essa vitória só foi se fortificando no

início do século XX, com intensos protestos sufragista se destacando na Europa e nos EUA. E não era apenas o direito ao voto que faria calar, querendo também ter participação na vida política, a mulher almejava por cargos políticos, visando com isso ter mais visibilidade dentro da sociedade sendo uma voz pelo bem coletivo das mulheres. E, é com esse viés que vamos adentrar no assunto de maior desafio para as mulheres: o direito ao trabalho e a sua valorização, não só no seio familiar, mas também como profissional, como ser humano.

Partindo dessa visão, esta pesquisa encontra-se vinculada ao intuito de mostrar a presença feminina na indústria têxtil, enfatizando desde o início de sua luta para o ingresso no mercado de trabalho, que se consolidou em meados do século XVIII com a Revolução Industrial, movimento este que contribuiu fortemente para esta inserção.

Deste modo, este trabalho traz como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho para as mulheres trabalhadoras de uma indústria têxtil no município de Guarabira – PB.

Assim como, os objetivos específicos são descrever quem são essas mulheres que atuam na indústria têxtil do município de Guarabira; analisar as condições e relações de trabalho ofertadas as operarias; e identificar os sentidos que as mulheres atribuem ao trabalho e as implicações psicossociais de suas atividades laborais, em suas vidas e em seus corpos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com a finalidade de se alcançar todos os objetivos apresentados nesse trabalho, optou-se por uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa, onde foram realizadas coletas de dados por meio de entrevistas.

Assim, segundo Gil (2007, p. 17 *apud* GERHARDT e SOUZA 2009, p. 12), pesquisa é entendida como o:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL 2007, p. 17 *apud* GERHARDT e SOUZA 2009, p. 12).

Dessa forma, podemos entender que uma pesquisa é concretizada a partir das inquietações do indivíduo sobre determinada problemática e que, diante tal manifestação, busca-se encontrar uma solução plausível para satisfazer suas inquietações e resolver seus problemas.

Diante disso, a pesquisa de campo foi escolhida por caracterizar-se, de acordo com Fonseca (2002), “pelos investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (x-pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA, 2002 *apud* GERHARDT e SOUZA 2009, p. 37).

Portanto, para a realização desta pesquisa, foi realizado um estudo bibliográfico para um bom embasamento teórico a respeito do trabalho das mulheres na indústria têxtil, como também, uma pesquisa de campo na fábrica X localizada na cidade de Guarabira – PB, método crucial para o desenvolvimento deste trabalho, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com suas funcionárias, possibilitando a comparação da teoria com a prática do trabalho fabril desenvolvido pelas mulheres.

Em uma pesquisa semiestruturada, segundo Gerhardt (2009, p. 72),

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Sabemos que para obter um resultado satisfatório e objetivo é necessário, muitas vezes, ir a campo para averiguar de fato as nossas inquietações sobre determinado tema. Além disso é necessário está inserido no ambiente para que possamos compreender um pouco da realidade das operárias.

A entrevista deu início no dia 20 de março de 2020 em decorrência da pandemia que se alastrou pelo mundo, teve que ser temporariamente arquivada sendo retomada no mês de setembro de 2020.

As entrevistas aconteceram na empresa em que todas as entrevistadas trabalham, elas aceitaram de forma voluntária participarem e compartilharem um pouco da sua trajetória de vida. Ao todo foram 8 mulheres entrevistadas separadamente, em um local reservado. Buscando uma forma confortável e não tão invasiva, as entrevistas aconteceram na hora do almoço de cada operária, variando entre 11 horas da manhã as 12 e 30 da tarde. Com apenas uma hora destinada ao almoço e para descanso, foi em meio a esse curto espaço de tempo que me cederam alguns minutos para, gentilmente, responderem a algumas perguntas. Para conseguir registrar as entrevistas foi utilizado um celular para gravação um questionário que serviu de suporte para coleta de informações.

Foi ressaltado que as entrevistas seriam gravadas para que pudessem ser transcritas acrescentadas neste artigo. Todas as entrevistadas concordaram, contribuindo assim para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, cada entrevista foi um momento único. Embora tivessem alguns pontos onde todas abordaram circunstâncias parecidas, cada mulher tinha consigo sonhos e planos ainda vivos dentro de si. Buscou-se deixá-las o máximo à vontade, frisou-se, de antemão, que seus nomes verdadeiros seriam preservados por questões éticas e para evitar qualquer tipo de transtorno a elas. Isso foi de suma importância, porque o medo de represálias era notório e totalmente compreensível. Ao iniciar a entrevista foi feita uma breve introdução das perguntas que seriam abordadas a pedido delas, pois as operárias demonstravam um certo medo de não saber compreender e responder de forma correta. Diante disso, foi pedido para que elas ficassem tranquilas e respondessem da forma que se sentisse melhor, uma vez que o objetivo da entrevista não era colher um bom discurso, com palavras bonitas e contextualizadas, mas ouvir de forma genuína como cada uma daquelas mulheres se auto enxergava.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Conceito de trabalho

Segundo Júnior (2020), em nosso cotidiano, a palavra trabalho está relacionada com alguma atividade ou serviço desempenhado por um indivíduo que exige ou não esforço físico, podendo ser entendido como a energia que foi utilizada na realização de uma atividade.

No entanto, de acordo com Paper (2004), o trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc.

Nesse contexto, podemos entender o trabalho como um fator importante que ocupa um espaço crucial na sociedade, pois é através dele que tanto o homem quanto a mulher constroem ou modificam o seu espaço geográfico e social.

Assim, de acordo com Morin (2001, p. 9):

O trabalho representa um valor importante, exerce uma influência considerável sobre a motivação dos trabalhadores e também sobre sua satisfação e sua produtividade (Herzberg, 1966, 1980, 1996; Hackman e Suttle, 1977). Vale a pena, então, tentar compreender o sentido do trabalho hoje e determinar as características que deveria apresentar a fim de que ele tenha um sentido para aqueles que o realizam (MORIN 2001, p. 9).

Diante disso, entendemos que o trabalho fornece as trabalhadoras a possibilidade de desenvolver algo que lhes proporcionem sentido e garanta uma sensação de competência e, até mesmo, de autoavaliação referente a suas atividades e identidade com o trabalho que está sendo executado.

Para tanto, Marx (2011) define o trabalho como

um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho (MARX, 2011, p.211 *apud* SCARANO, 2014, p.4).

Nesse sentido, ao atuar sobre natureza por meio do trabalho em busca de uma adaptação, homens e mulheres desenvolvem meios que resultam no ambiente humanizado. O trabalho é entendido como o produto essencial da história da humanidade, que por consequência a transforma e proporciona a formação do ser social.

Entretanto, fazendo uso das palavras de Marx (2011),

o trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (MARX, 2011, p.64-65 *apud* SCARANO, 2014, p.20).

Portanto, contribui ativamente com o processo de formação humana e atuante na sociedade para atender e suprir suas necessidades no espaço em que ocupa.

3.2. Condições e relações de trabalho

Segundo Blanch (2003, p. 43 *apud* SILVA e BORGES, 2015), condições de trabalho são definidas como “um conjunto de situações nas quais se desenvolve a atividade laboral e que influenciam significativamente, tanto a experiência do trabalho, como a dinâmica das relações laborais”.

As condições de trabalho são constituídas pelo salário recebido pelas trabalhadoras, o número de horas trabalhadas durante a semana (jornada de trabalho), as pausas formalmente garantidas para o almoço e o descanso; o ambiente de trabalho, compreendendo a iluminação, a disposição dos móveis e instrumentos, a higienização, as condições de máquinas, instrumentos e utensílios do trabalho etc.

Nesse sentido, é válido ressaltar que o trabalho vem passando por transformações em que as trabalhadoras tentam buscar uma adequação para atender a demanda de sua jornada e melhor realização de suas atividades.

Sobre as relações de trabalho, Fischer (1987) diz que são constituídas pela,

Forma de relacionamento que se verifica entre os agentes sociais que ocupam papéis opostos e complementares no processo de produção econômica: os trabalhadores, que detêm a força de trabalho capaz de transformar matérias-primas em objetos socialmente úteis, adicionando-lhes valor de uso; e os empregadores, que detêm os meios para realizar esse processo (FISCHER, 1987, p. 19).

Diante a afirmação de Fischer acima citada, podemos entender as relações de trabalho como uma articulação entre todos os responsáveis por sua realização, desde a gerência até os operários.

No parágrafo abaixo, Fischer esclarece que essas relações não são estáticas, elas se transformam ao longo da história e são determinadas pelas características econômicas, políticas e culturais da sociedade abrangente, isto é, a sociedade na qual a empresa está incluída. Aqui no Brasil, sobretudo pela herança da escravidão, muitos empregadores tendem a tratar seus empregados como escravos, como objetos e não como seres humanos.

Nessa perspectiva, Fischer (1987), esclarece que:

Essa definição deixa de ser tão simples quando se verificam empiricamente e através do desenvolvimento histórico das relações de produção na sociedade capitalista, as inúmeras e diversas possibilidades de concretização que assumem as categorias sociais ocupadas por ambos os agentes. Ela se presta, entretanto, para ressaltar que, independentemente da complexidade de aspectos assumidos em cada situação peculiar, as relações do trabalho são determinadas pelas características das relações sociais, econômicas e políticas da sociedade abrangente (FISCHER, 1987, p. 19).

Quanto a isto, podemos destacar as hierarquias que existem nos ambientes de trabalho, onde cada funcionária tem sua função e é através dessa determinação que gera conflitos entre as classes, pois, muitas vezes, ocasiona conflitos, falta de apoio na realização das tarefas e a discriminação social por parte dos superiores.

O MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) junto com a CTL (Consolidações das leis do trabalho) são os órgãos responsáveis em assegurar que as relações e condições de trabalho estejam dentro das leis estabelecidas pela constituição. Sabemos os desafios que envolve as relações e condições de trabalho entre empregador e empregados seja ele, em qual segmento for, os interesses e objetivos de cada ficam cada vez mais evidenciados, e ganha aquele que é mais forte.

Outro ponto importante para que essas relações de trabalho aconteçam de forma satisfatória está direcionado a formação e capacitação das trabalhadoras, uma vez que os estabelecimentos de trabalho passaram e passam por transformações voltadas para os avanços tecnológicos com o intuito de obter um bom desempenho em sua produção.

Diante disso, segundo Torres et al (2011),

Atualmente, os trabalhadores têm que se adaptar às tecnologias e se atualizar perante um mercado competitivo. Diante destas situações, o ser humano está envolvido num processo complexo e dinâmico que abrange as condições somáticas, os processos cognitivos e emocionais, e as questões sociais. Observamos, então, que os trabalhadores são atingidos por estas transformações, que ocorrem num ritmo elevado, muitas vezes maior que a própria capacidade humana pode suportar. E assim, a combinação das inovações tecnológicas com os novos métodos gerenciais vem gerando uma intensificação do trabalho, que se traduziu em uma série de agravos à saúde: envelhecimento prematuro, aumento do adoecimento, morte por doenças cardiovasculares e outras doenças crônico-degenerativas (TORRES et al, 2011, p. 43).

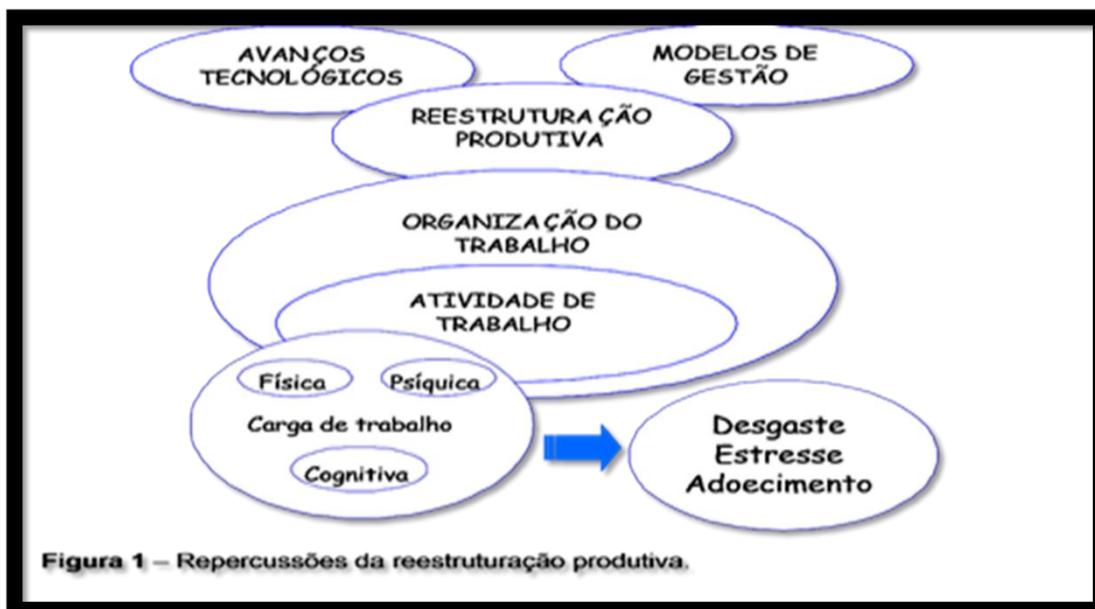
Sendo assim, diante destas transformações voltadas para as condições e relações de trabalho, pode ser destacada as percepções das funcionárias quanto a relação entre seu trabalho e sua estabilidade emocional e corporal de acordo com as consequências provocadas tanto pelas condições, quanto pelas relações de trabalho. O que se deve observar é que, geralmente, a saúde das trabalhadoras torna-se secundária diante da atual situação econômica, que contribui para que elas se submetam a condições insalubres e perigosas.

3.3. Impactos psicossociais do trabalho

Os Impactos que o trabalho traz para a vida das trabalhadoras são inúmeros, sejam eles dentro do seu ambiente de trabalho ou fora dele, todo o estresse gerado por um ambiente insalubre, condições precárias tem como resultado o adoecimento das trabalhadoras, tanto físico quanto psíquico. Esse tema só ganhou notoriedade após trabalhadores protestarem por melhorias ao longo do século XX, salários mais justos e carga horarias reduzida, eram os motivos mais plausíveis das suas reclamações.

O impacto das condições irregulares e sub-humanas a qual as trabalhadoras sempre foram acometidas ao longo da história deixaram e continuam deixando cicatrizes em suas vidas e seus corpos, a Organização Mundial de Saúde afirma que o principal motivo que mais levará o(a) trabalhador(a) a se afastar das suas atividades laborais em 2020 é o desequilíbrio mental, e isso acontece por vários motivos: um deles é a constante cobrança para atender as exigências e demandas do local de trabalho a qual está inserido.

Sobre essa questão de desgaste, a imagem abaixo representa a cobrança voltada as funcionárias e o que isso acarreta, ou seja, no desgaste, estresse e adoecimento das operárias.



Fonte: <https://www.trabalhoecoracaosaudaveis.com.br/introdu%C3%A7%C3%A3o.php>

A Revolução Industrial trouxe para os seres humanos um novo modelo de trabalho. Os trabalhadores antes detinham o controle sobre seu produto do início ao fim, como era o caso dos artesãos, mas com o passar do tempo perdeu espaço para as máquinas e passaram a ser meros operadores de atividades repetitivas e monótonas. A forma de se fazer e enxergar as atividades laborais foram alterados para atender as novas exigências do mercado de trabalho e da sociedade.

Em virtude disso, novas formas de produzir em grandes quantidades em um curto espaço de tempo foram criadas, excluindo o(a) trabalhador(a) e o(a) deixando(a) apático(a) a produção “O ambiente corporativo é pautado hoje por uma lógica capitalista globalizada, em que o aumento da produtividade e o lucro máximo são objetos principais” (BRASIL, 2017, P. 5 apud COELHO e SCATOLIN, 2020). Diante disso, o(a) trabalhador(a) passa a conviver com uma pressão gerada sobre si, e isso responderá na sua saúde física e mental.

As transformações econômicas que a globalização trouxe tanto para as mulheres quanto para os homens tem se tornado cada vez mais insustentável no ambiente de trabalho onde as constantes modificações, aperfeiçoamento e capacitações, ritmo cada vez mais acelerado tem gerado no homem uma batalha interna dentro da sua mente.

A falta de um ambiente sadio para homens e mulheres exercerem o trabalho que lhes foram predestinados acarreta um resultado indesejável, uma gestão autoritária que não está capacitada para gerir um ambiente favorável para seus colaboradores afetam a saúde psicológica e emocional dos funcionários, as constantes cobranças por uma produção elevada, sem respeitar a capacidade física dos trabalhadores, causam transtornos e os levam a um esgotamento físico e mental.

As questões ligadas ao ambiente de trabalho, a organização, à caracterização e a condição de trabalho, as oportunidades de desenvolvimento que este permite, ao balanço entre trabalho e vida fora dele, ao envelhecimento da população ativa e a precarização e insegurança no emprego, são hoje em dia, considerados fontes de risco psicossociais (COSTAS; SANTOS, 2013, P. 42).

Aceitar condições decadentes de trabalho está enraizado no nosso país, é impossível falar de trabalho sem destacar o quanto ele afeta a vida dos trabalhadores e trabalhadoras, isso por o sistema que o homem está inserido num ciclo vicioso que se assenta na busca de lucro, sem consideração pelos trabalhadores (a).

Esses fatores psicossociais são aqueles que se originam na organização de trabalho como emocionais, cognitivos, e comportamentais que, não só implicam na vida do trabalhador, mas também na vida da sua família e na sociedade, dependendo do estado de saúde de um membro da família, seja ele um pai ou uma mãe trará impactos na sua vida que acabam desencadeando transtornos como ansiedade, depressão, dificuldades para se concentrar, uso de drogas ilícitas, comportamento violento dentro e fora do ambiente de trabalho e isso tudo acarreta em debilitações mentais pra os trabalhadores.

Mas isso tudo que torna o ambiente de trabalho um lugar de adoecimentos e insatisfações por parte dos trabalhadores pode e deve ser mudado, e não é tão difícil assim, basta que as os espaços de trabalho tenham uma gestão comprometida em capacitar e formar trabalhadores e chefes, capazes de ter um relacionamento saudável de respeito uns para com os outros desenvolvendo assim políticas que visam um ambiente saudável para todos com condições e organizações para um trabalho eficaz e com isso a empresa disfrutará de operários mais destinados e empolgados nas atividades e dado o reforço positivo, colherá bons frutos.

A atuação do Estado é imprescindível para combater o trabalho insalubre e coibir práticas abusivas aos trabalhadores praticadas no seu ambiente de trabalho. Diante dessa necessidade de fiscalizar como o trabalho estão estruturado e se, de fato, as leis trabalhistas estão sendo cumpridas, temos varios órgãos governamentais que está frente dos interesses coletivos e individuais do mundo do trabalho, como por exemplo, o MPT (Ministério Público do trabalho), onde sua função é destinada a fiscalizar o cumprimento da legislação trabalhista.

Temos também a CLT (Consolidações das Leis do trabalho), que é responsável por assegurar direitos aos trabalhadores como: jornada de trabalho, pausa para descanso e estabelece regras para o salário mínimo, férias de modo geral. A OIT (Organização Internacional do trabalho), que tem em seus ideias o objetivo de promover oportunidades para homens e mulheres a um trabalho produtivo em condições de liberdade e equidade, segurança e dignidade, e por fim a CIPA (Comissão Interna de Acidentes), esse órgão deve estar de forma atuante dentro dos espaços de trabalho, pois a ele cabe averriguar as condições em que o trabalhador opera suas atividades laborais, diante de possíveis problemas que comprometa a saúde do trabalhador, seja física ou emocional, requer medidas afim de banir práticas que exterminem ou amenizem os riscos.

Diante de todos esses órgãos que asseguram o trabalho digno e remunerado, nos faz pensar que estamos, de certa forma, assegurados pelas leis, mas não é bem assim. Infelizmente ainda há um longo caminho a ser percorrido, pois mesmo com todas essas repartições que defendem os direitos trabalhistas, de fato, ainda deixam muito a desejar no que compete a fiscalização.

Preciamos de uma maior atuação por parte do Estado para coibir práticas abusivas nos postos de trabalho para que possamos continuar desconstruindo esse cenário escravista que o Brasil foi pintado e isso só será possível se houver comprometimento nos cumprimentos das leis e fiscalizações assídua.

3.4 A inserção da mulher no mercado de trabalho

As mudanças que aconteceram por todo mundo através da globalização abriram muitas portas para diversos segmentos. Dentre eles, o mercado de trabalho foi essencial para a mulher obter seu espaço. Com a globalização e os avanços tecnológicos tornaram mais fácil o acesso a mulher ao trabalho, e isso se dá pelos novos meios de produção que surgiram.

O ingresso das mulheres no mercado de trabalho se deu de forma intensa, a partir da Revolução Industrial, quando a necessidade de complementação da renda familiar fez com que elas fossem introduzidas no trabalho remunerado de maneira forçada, sendo obrigadas a aceitarem desempenhar tarefas penosas e mal remuneradas (GIRÃO, 2001 apud AMARAL, 2012, p. 4).

A participação da mulher no mercado de trabalho começou há muito tempo. Ao contrário do que muitos imaginam, essas mulheres já se faziam presentes em vários segmentos do mundo dos negócios e não apenas no contexto que elas estavam inseridas, como donas de casa, responsável pela organização do lar e pela educação dos filhos e com isso não se pode questionar a importância que a Revolução Industrial trouxe para a mulher, pois proporcionou mais oportunidades de trabalho.

Para LOPES (2012) apud BAYLÃO (2014, p. 3),

Outro ponto importante nas grandes conquistas e mudanças, foi ainda na segunda metade do século XVIII, com a vinda da Revolução Industrial, que acabou por absorver de forma importante a mão-de-obra feminina pelas indústrias, com o objetivo de baratear os salários, trazendo definitivamente, a inserção da mulher na produção (...) Encontraremos a presença de trabalhadoras assalariadas em grande número e essenciais ao desenvolvimento da indústria têxtil. Mesmo com isto há uma busca pela negação da inclusão da mulher na classe trabalhadora, ontem e hoje.

A mulher além de lutar contra todos os preconceitos em relação ao seu desempenho e capacidade, ainda tem que submeter ao não reconhecimento do seu trabalho, mesmo que as leis vigentes afirmem que todos somos iguais perante a lei, segundo o artigo 13, inciso I da Constituição Federal. Porém, Toitio (2008) enfatiza que:

O trabalho feminino passa a integrar crescentemente a estrutura econômica a sociedade capitalista, sempre sob a determinação mencionada, ou seja, submetida ao capital e a sua necessidade de valorização, no entanto nas primeiras décadas do século passado era ainda muito superior a proporção do trabalho masculino em relação ao feminino na esfera produtiva (TOITIO, 2008 apud BAYLÃO, 2014, p.2).

Engana-se quem ainda acha que a mulher veio participar socialmente da vida política e profissional de algumas décadas para cá, pois nos livros de história é possível ver grandes mulheres buscando seu espaço, lutando por seu direito de exercer cidadania, e foi com essas grandes lutas que conseguiram um marco importante, que foi o direito ao voto, em 1932, sobre o governo de Getúlio Vargas, a mulher brasileira deteve o direito ao voto, entretanto essa conquista foi repleta de preconceito e estereótipos como, apenas as casadas, viúvas e solteiras tinham direito ao voto. O voto feminino foi assegurado pelo primeiro Código Eleitoral brasileiro e isso foi de suma importância, pois constitucionalmente sua opinião já tinha ganhado direito

a ser exposta embora oprimida, foi apenas no século XX que passaram a ganhar mais engajamentos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho tem sido um tema que vem ganhando engajamento e espaço em todos os locais. Os veículos de informação têm também sua colaboração ao favorecerem que as mulheres sejam escutadas no mundo todo. Sabemos como as mulheres tem lutado para conseguirem seu espaço num país ainda marcado por valores machistas.

De acordo com Samara (2002), as conquistas das mulheres embora se façam a passos vagarosos é resultado de um árduo caminho percorrido. A autora enfatiza que:

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho formal é um processo que, ao longo do século XX vai se acentuando, mas há que se considerar sempre a inserção nos setores informais e a importância do trabalho domiciliar que contribui para o orçamento familiar, mas que não aparece contabilizado (SAMARA, 2002, p.33).

Diante disso, a inserção da mulher no mercado de trabalho não foi seguida de uma diminuição das desigualdades entre homens e mulheres. A mulher continuou e continua exercendo as mesmas funções dos homens e ganhando em média 30% a menos, isso só nos mostra o quanto é enraizado culturalmente que o simples fato de ser mulher, é condição para um tratamento diferenciado negativamente.

O que a mulher buscou e tem buscado até os dias atuais é apenas ter os mesmos direitos reconhecidos pelo seu trabalho, não existe mais espaço para colocar a mulher submissa ao patriarcado, pois já está mais do que provado, que as mulheres conseguem desempenhar as mesmas funções que os homens e isso é um processo que ainda está em desconstrução.

Com a chegada da Revolução um dos poucos espaços que a mulher tinha para trabalhar foi o setor têxtil, suas mãos ágeis e habilidosas foram sugadas pelo capitalismo, sendo assim, a necessidade de conquistar sua independência financeira e ajudar na renda da família foi bem explorada pela classe dominante. Dessa forma, a mulher passou a buscar emprego fora para ajudar a complementar a renda da família, com a revolução industrial, que teve início na Inglaterra, trabalhadores se viram obrigados a procurar empregos nas indústrias e a mulher foi uma das mais exploradas, juntamente com o trabalho infantil.

Ainda é muito árduo o caminhar das mulheres no mundo do trabalho, pode se dizer que é uma luta constante e cansativa que a mulher travou com o mundo para sair dos moldes que uma sociedade arcaica insiste em coloca-la. Diante disso, a mulher tem cada vez mais buscado se aperfeiçoar e se profissionalizar para conseguir seu espaço e seus direitos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Se a exploração da força de trabalho é a fonte vital para a valorização do capital e sua perpetuação, tal sistema encontra na exploração da força de trabalho da mulher a extração de maiores lucros, caracterizando uma superexploração.

Maressa Fauzia Pessoa Dantas
Mirla Cisne

A empresa em questão está localizada na Cidade de Guarabira – PB, tendo sido fundada há mais de três décadas. Há vários tendo produzido confecções de artigos do vestuário masculino e feminino, gerando assim uma economia local pelas vagas de emprego disponibilizadas, tornando-se assim um fator importante para o capitalismo da cidade e região.

A empresa é estruturalmente como os galpões das fabricas no passado, sua administração é baseada no sistema de produção Fordista que trabalha com estrutura semelhante ao de uma esteira com o objetivo de aumentar a produtividade e diminuir os custos. Vale ressaltar, que devido os movimentos por condições de trabalho dignas, o ambiente ganhou algumas melhorias como banheiros, ventilação, assentos etc.

A Empresa dispõe de ônibus para o deslocamento dos trabalhadores, tem um refeitório, uma cantina, banheiros femininos e masculinos, bebedouro coletivo, ventiladores, janelas, 2 salas para reuniões e 2 escritórios. O corpo administrativo fica a cargo de dois gerentes, duas secretárias, e 5 encarregados, responsáveis pela linha de produção e por colocar ordem nos operários. Ao gerente compete uma das maiores responsabilidades, pois sua função é de suma importância para que a linha de produção possa fluir e a meta seja alcançada, muitas vezes não levando os percalços.

Para a efetivação dos resultados abordados nesse artigo, voltados a pesquisa realizada na empresa exposta acima, foi realizada uma pesquisa de campo com algumas de suas operarias. A tabela abaixo, traz os dados principais de identificação das informantes.

TABELA 1 – Informações das operárias da fábrica

DADOS DAS INFORMANTES				
N	ENTREVISTADA	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL
01	Rosa	46	Ensino Fundamental incompleto	casada
02	Tulipa	45	Ensino Fundamental incompleto	Casada
03	Jasmim	38	Ensino Fundamental incompleto	casada
04	Girassol	47	Ensino Fundamental incompleto	casada
05	Margarida	48	Ensino Médio completo	solteira
06	Hortência	40	Não soube responder	Casada
07	Amarílis	37	EJA	Casada
08	Magnólia	25	Ensino Médio	Casada

Fonte: Arquivos da entrevista realizada pela autora do artigo. (Pseudônimo foram dado as entrevistadas visando preservar suas verdadeiras identidades)

Ao ter um contato direto com as mulheres que trabalham na fábrica por meio de entrevista, foi entendido que o trabalho para elas tem, em seu contexto geral, um sentido ligado a satisfação. As informantes relatam que o trabalho permite que elas tenham mais autonomia e liberdade sobre sua vida, coisas que não eram possíveis há décadas atrás, as permitindo existirem além do lar e desestruturando os rótulos que a sociedade tanto insiste em colocar na mulher, tais como submissa e inferior.

Uma vez que esse trabalho remunerado contribui para a independência e autonomia da mulher, também traz algo muito importante, que é o pensamento livre e amadurecido do seu lugar, seja no trabalho seja na vida cotidiana.

Percebemos que essas mulheres têm pensamentos iguais quando defendem que sua renda é algo que as deixam menos inferiores em relação ao parceiro ou a família. Alegam não precisar pedir algo ao seu companheiro ou a seus familiares.

Podemos observar esse contexto nas falas das entrevistadas ao afirmarem:

Uma coisa boa de você trabalhar, é você conseguir sua independência, é você ter seu próprio dinheiro, pra que você não fique tão “né “submissa ao marido, ou seja lá de quem for, a família...onde você necessita, de... digamos, coisas de mulher, e você não ter que pedir para alguém, isso aí é uma vitória, “né”. (Entrevistada 01)

Olha, uma coisa boa de trabalhar aqui, é que eu consigo ter meu próprio dinheiro e ser independente, poder me sustentar. Porquê é muito ruim, você querer comprar algo e ter que pedir a os outros. (Entrevistada 02)

É bom porque é um meio de sobreviver, também a mulher tem que trabalhar, para não tá dependendo de marido, ajudando nas contas. (Entrevistada 04)

Essas falas nos remetem a uma reflexão de o quanto as mulheres já avançaram na direção certa. Percebe-se que, de fato, existe uma desconstrução em passos largos, de que a mulher pode, deve e tem condições mais que suficiente para buscar seu meio de sobrevivência, e isso claro que é fruto de muita luta pelos direitos iguais.

O trabalho faz parte da vida do homem e da mulher e, ao longo da história, o trabalho passou de algo que escravizava para algo que era indispensável para o seu progresso no meio que está inserido. Mas, que benefícios o trabalho traria para homens e mulheres se no percurso, eles adoeceriam em virtude do mesmo?

Com os avanços tecnológicos, o mundo passou a ser um lugar onde sempre temos que nos adequar as novas exigências do mercado de trabalho, pois a sombra do desemprego assola o mundo, e os trabalhadores e trabalhadoras passam cada vez mais a produzir além daquilo que seu corpo e mente suportam, surgindo a parti daí, inúmeros problemas de saúde, como depressão, ansiedade, transtornos psíquicos, além do adoecimento do corpo físico, como pode ser observado nas falas abaixo que deixa transparecer que existe uma cobrança incoerente em relação as suas capacidades laborais.

Quem trabalha em fábrica de confecção, trabalha com produção, a gente perde muito a nossa saúde por que é muito “puxado” [...] A pressão por parte dos encarregados, de pessoas que tem mais um pouquinho de poder, fazer uma cobrança acima do que você é capaz de produzir, então, isso acaba afetando seu físico, seu psicológico e tudo mais. (Entrevistada 01)

Para essas mulheres, não é o fato de trabalhar com produção que as deixam extremamente cansadas, pois tem noção da sua função dentro do seu espaço de

trabalho. O que as fazem, delegar que sua saúde física fica comprometida é o fato de exigirem delas e do corpo uma demanda superior ao que a sua capacidade de suportar. É a partir disso que vem os adoecimentos.

Os relatos abaixo, são unânimes. Todas afirmam comprometimento na saúde física, decorrente de um trabalho extenuante.

O lado ruim desse trabalho, no decorrer do tempo, a gente vai adquirindo, doenças, a gente vai ficando mais cansada, porque 10 anos é muita coisa. E também por que a gente trabalha com produção (Entrevistada 03).

A saúde, com tempo, começa a dar problema a dar problema na coluna, nos ossos da gente, eu tenho problema de coluna, é muito "puxado" ...olhe gora mesmo eu "tô" com os pés inchado, isso é da circulação, e quando chega em casa ainda tem mais serviço de casa (Entrevistada 05).

Saúde! Hoje eu não tenho saúde nos meus ombros, tenho tendinite por causa do movimento repetitivo, e a gente passa horas e horas fazendo a mesma operação, aí vai desgastando o corpo e não tem mais jeito (Entrevistada 06).

Doenças! Muitas doenças. Tempo que a gente trabalha aqui é muito, com exigência fica pegando no pé, isso tudo vai acumulando e a gente vai pegando doença e estresse. Eu tenho artrose no lado direito, tenho hérnia de disco na lombar, problema de circulação, por ficar muito em pé ou sentada (Entrevistada 07).

O reconhecimento das trabalhadoras por seu trabalho é algo que serve de impulso para seu desempenho dentro do seu espaço de trabalho, mas sabe-se que isso nem sempre acontece. As trabalhadoras são vistas, na maioria das vezes, como um objeto descartável que assim que atingir o objetivo esperado será descartado ou trocado por outro. É o medo de não acompanhar as exigências do trabalho que faz com que o trabalhador viva em constante cobrança sobre seu corpo e mente.

As trabalhadoras se veem como sujeitos meramente descartáveis, tendo que se adaptar as mudanças exigidas e tendo seus direitos violados. Em algumas falas a seguir é possível perceber como no caso da entrevistada 01, que ainda existe resquícios de tratamento inadequados para com as trabalhadoras, como a falta de respeito, ao se dirigir ao outro. Deixando claro que ainda não evoluímos o suficiente, para deixar de lado posturas que nos fazem lembrar de como era o tratamento no passado em relação aos operários, ou seja, a questão da exploração, o abuso de poder, entre outros.

Durante o período colonial e imperial, a mão de obra escrava era determinada pela cor da pele e características físicas do indivíduo. Os escravos eram negros africanos ou indígenas. Nos dias atuais a questão étnica não é a única levada em consideração a ocupação de uma função de trabalho. Hoje, são escravizadas as pessoas em situação de pobreza e miséria que enfrentam uma rotina árdua de dias laborais com poucos recursos para uma boa condição de trabalho.

Nesse sentido, as entrevistadas relatam como gostariam que fosse a sua rotina diária de trabalho:

Para mim deveria melhorar mais um pouco (Entrevistada 05).

Eu mudaria muita coisa, uma delas é o jeito que eles falam com a gente, com autoridade, ignorante para pedir ou ensinar algo, outra coisa também, seria o salário porque a gente não recebe o que é para receber (Entrevistada 05).

Aqui, onde eu trabalho tem muita coisa a ser mudada, muita...muita...e, as pessoas que aqui tem um pouco de poder, seriam as primeiras a ser mudadas, fora outras coisas. Mais respeito (Entrevistada 01).

Ah, eu mudaria muita coisa! A começar pelas pessoas que toma conta, e mudaria alguns direitos também, mas enfim nada é como a gente quer (Entrevistada 02).

Quanto as condições e relação de trabalho, foi com muita luta e ainda estar sendo, que conseguimos alguns direitos trabalhistas, como direito a um salário justo, carga horaria fixa, carteira assinada, lugar com estruturas adequadas para o ambiente de trabalho dentre outras coisas, porém isso não significa que todos os direitos estabelecidos por lei sejam, de fato, cumpridos. E isso acontece por várias razões, como a falta de fiscalização dos postos de trabalho, a necessidade de ter um trabalho que acaba por levar o trabalhador a aceitar certas condições de trabalhos insalubres que afetarão sua saúde.

O descumprimento desses direitos, não são um fato isolado, isso é uma realidade por todo o mundo e aqui no Brasil, o setor têxtil é um dos que mais cresceram economicamente, gerando assim muitos postos de trabalho.

Vejamos o que diz os relatos dessas operárias em relação a suas condições de trabalho:

Minhas condições de trabalho são bem simples teria muita coisa que poderia melhorar, mas aí ninguém pensa no bem-estar do funcionário né (Entrevistada 01).

E até engraçado (risos). Condições... condições....de trabalho a gente tem muita coisa não, a gente tem o que dá para ter, é o básico, porque o foco aqui é que você trabalhe, aqui não tem isso de se preocupar muito em da condição ao funcionário não. Acho que todo lugar é assim (Entrevistada 02).

Podia melhorar. Porque tem muita coisa que era para ter e não tem (Entrevistada 06).

Não são boas! (Entrevistada 07).

Muito precário! (Entrevistada 08).

É notório a insatisfação direcionada ao ambiente em que essas mulheres estão inseridas. Todas entendem que suas condições e relações de trabalho são inadequadas e sabem que não são casos isolados, mas a necessidade do trabalho pela sobrevivência as faz se curvar diante de todos esses percalços do dia a dia em seu ambiente de trabalho.

As condições que levaram essas mulheres a buscar e permanecer em postos de trabalhos que as remetem ao antigo regime de escravidão, são os mais diversos, abandono do companheiro, necessidade pela independência, ajudar a complementar a renda da família, desemprego dentre outros. Embora muitas mulheres vivenciam algumas situações parecidas no passado, percebe-se que hoje esses motivos ainda permanecem vivos e crescentes na nossa sociedade atual.

As relações dentro do ambiente onde a trabalhadora está inserida são muito importantes para o seu convívio social, e para o seu desenvolvimento no dia a dia, enquanto ser humano. Conhecer pessoas novas, ter contato direto com outras pessoas que tem pensamentos e opiniões que vão de encontro ao seu, é enriquecedor uma vez que passamos a confrontar as ideias e a se colocar no lugar do outro.

Partindo desse pressuposto fica explícito que as experiências positivas vivenciadas pelas operárias, além do trabalho proporcionar a elas a independência feminina, as relações construídas ao lado das suas companheiras de trabalho, tem um valor afetivo, laços foram criados e fortificados nas dificuldades de vida uma das outras e assim compartilhando experiências vivenciando momentos se fazem as relações de trabalho.

Tudo batalhadora igualmente a mim. Lutando por sua independência. Por que trabalhar com produção, trabalhar numa fábrica de confecção, não é fácil, trabalhar com pessoas de hora em hora fazendo pressão, por que a verdade é essa (Entrevistada 01).

As mulheres que trabalham aqui comigo, são verdadeiras guerreiras viu, eu já tive a oportunidade de escutar algumas histórias de vida e na maioria das vezes são histórias tristes de superação, tem algumas aqui, que ficou sozinha, abandonada até pela família (Entrevistada 02).

Eu vejo assim, são pessoas de caráter diferentes, mas é muito gratificante quando a gente conhece cada uma, conhece suas histórias de vidas, cada uma com os seus problemas, a gente escuta, e faz com que a gente cresça também como pessoa (Entrevistada 03).

Todas elas precisam desse trabalho, estão aqui para ajudar sua família seus filhos, algumas são elas que sustenta só casa, os filhos (Entrevistada 05).

Podemos perceber nos relatos das trabalhadoras que o trabalho foi um divisor de águas na vida de cada uma delas, onde cada uma com seus motivos e necessidades específicas foram levadas pelo caminho árduo da vida a se tornarem mulheres de fibra, mulheres de coragem. O trabalho para essas operárias é muito importante para sua sobrevivência, delas e da sua família, pois muitas são arrimo da família e vem delas o sustento ou o complemento do sustento dos seus filhos. Mas para todas essas mulheres o trabalho tirou, e vem lhes tirando algo que para elas é impossível de ser restituído, que é o tempo com a família, a saúde e a liberdade.

Com a jornada de trabalho, para ser bem sincera, com a pressão, por que quem trabalha em fábrica de confecção, trabalha com produção, a gente perde muito a nossa saúde por que é muito "puxado" (Entrevistada 01).

O lado ruim de trabalhar aqui para mim, foi ter que deixar a família, (né) (Entrevistada 03).

Durante todo o dia, a maioria do nosso tempo é aqui, sai de manhã e volta praticamente a noite. E deixar família em casa. Quando eu iniciei aqui, minhas filhas eram bem pequenas (Entrevistada 03).

É que você fica muito presa e trabalha muito e ganha pouco, dinheiro só dá para se manter do básico (Entrevistada 06).

De ruim é ficar aqui todo dia, ficar muito presa (risos) (entrevistada 05).

Há... tenho (né). Tenho o sonho de ter uma família, e de terminar a faculdade que comecei e não terminei, por causa do trabalho eu tive que parar, chegava muito cansada (Entrevistada 05)

Diante disso, fica claro, como o trabalho tem vários viés na vida do ser humano, ele traz meios para sobrevivência, supre as suas necessidades, mas o faz escravo

da sua própria necessidade, e mesmo que indiretamente, vale ressaltar que muitas dessas mulheres entrevistadas, alegam ter ido em busca de uma renda para também ajudar no sustento da família e dos filhos, porém essas mães não desfrutam como gostariam do tempo em família, pois o trabalho extenuante tira essas vivências, uma vez que passam o dia todo fora de casa e, só regressam a noite.

Não é só o fato de estar ausente na vida dos filhos e da família, essas mulheres perdem também ao buscar trabalho fora, um tempo para elas, como mulher como ser humano. Muitas almejam mais tempo livre para coisas que aos olhos de muitos é normal, como: dormir, visitar parentes, ir a uma academia, ler dentre outras coisas.

Assim percebemos como é complexo o mundo do trabalho e das trabalhadoras nesse contexto a partir do que se entendeu sobre as condições e relações de trabalho aliados aos fatores psicossociais das entrevistadas.

5 CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivo observar e avaliar as condições de vida das operárias do setor têxtil da cidade de Guarabira para tentar trazer um pouco de como as mulheres estão vivendo dentro desse contexto fabril que por décadas fez e faz parte da vida da mulher.

Os avanços tecnológicos e a crescente globalização não extinguiu a precarização do trabalho feminino, pelo contrário, acabou impulsionando mulheres a continuarem aceitando trabalhos que as desvalorizam e as exploram. Por mais que as mulheres tenham conquistado acesso ao emprego formal de carteira assinada e com todos os direitos reconhecidos por lei, ficou claro nas entrevistas que a exploração do trabalho feminino continua e traz efeitos negativos para a saúde física e mental das mulheres trabalhadoras.

O trabalho escravo e as condições sub humanas que os livros de histórias retratam das mulheres do passado não se distancia de algumas mulheres em seus postos de trabalho em pleno século XXI. Como ainda precisamos avançar. Como precisamos nos libertar dessa sociedade avassaladora e exploradora.

Porém não podemos negar, que também fica claro que esse trabalho pra todas essas mulheres entrevistadas tem um valor emocional e pessoal, mesmo se perdendo na alienação aos seus direitos, elas também dedicam a esse trabalho o meio para sua sobrevivência, onde em meio a tantos descasos, decidem por continuar, no ambiente que as adoecem e as sugam com trabalhos extenuantes, por falta de oportunidades melhores.

E por que isso ainda acontece? Será que essas mulheres não tem acesso a informação? Onde estão os órgãos que deveriam de fato cuidar e avaliar as condições de vida e trabalho dessas mulheres? Percebe-se que não é suficiente as leis e movimentos em virtude de condições dignas de trabalho. É necessário fiscalizações assíduas para averiguar se de fato as leis estão sendo cumpridas. É preciso mais atuação do governo ao combate das práticas que continuam a explorar os trabalhadores.

Ainda há um longo caminho a ser percorrido para que, de fato, os direitos das mulheres por condições dignas de trabalho não fiquem apenas em papeis e em discursos decorados de órgãos políticos que se dizem representar os direitos das mulheres enquanto trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**. ISSN: 1807-9342. Vol. 2 – n. 13 – 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22336>. Acesso em 23 de novembro de 2020.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. Rio de Janeiro: Moderna, 1996.
- BAYLÃO, André Luis da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro. SEGeT. **XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2014. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>. Acesso em 09 de novembro de 2020.
- Blanch, J. M. (2003). Condiciones de Trabajo. In J. M. Blanch, M. J. Espuny, C. Gala & A. Martín (Orgs.), **Teoría de las relaciones laborales**. Fundamentos (pp. 42-44). Barcelona: Editorial UOC.
- COELHO, Tatiani Moreira. SCATOLIN, Henrique Guilherme. Os riscos psicossociais relacionados com o trabalho: Impactos na subjetividade do trabalhador. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 03, Vol. 09, pp. 122-138. Março de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/riscos-psicossociais>. Acesso em 23 de novembro de 2020.
- CORREA, Marina Aparecida Pimenta da Cruz; SOUZA, Rafaelle Lopes. Origem e relação do trabalho com o ser humano e as limitações do trabalho na prisão. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 15, n. 1, p. 126-143, jan./jul. 2016. DOI: 10.15448/1677-9509.2016.1.22831. Disponível em: <file:///C:/Users/manoel/AppData/Local/Temp/22831-Texto%20do%20artigo-100057-1-10-20160715.pdf>. Acesso em 23 de novembro de 2020.
- COSTA, L. S; SANTOS, M. Fatores Psicossociais de risco no Trabalho: lições aprendidas e novos caminhos. **Internacional Journal on Working Conditions**, N.5.2013. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=88066. Acesso em 23 de novembro de 2020.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FISCHER, Rosa Maria. Pondo os pingos nos is sobre as relações do trabalho e políticas de administração de recursos humanos. In **Processo e relações do trabalho no Brasil**. São Paulo, Editora Atlas S.A., 1987. Disponível em: http://www.cedec.org.br/files_pdf/Aclasseoperariaeaquestaosindical.pdf. Acesso em: 07 de setembro de 2020 às 23h00min.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de (Orgs). Aspectos teóricos e conceituais. In **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 08 de agosto 2020 às 23h00min.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRÃO, I. C. C. **Representações sociais de gênero: suporte para as novas formas de organização do trabalho**. 2001. 130f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

JÚNIOR, Joab Silas da Silva. **O que é trabalho?** - *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/fisica/o-que-e-trabalho.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2020.

LOPES, C. L. E. **8 de março, Dia Internacional da Mulher** – Uma data e muitas histórias. Disponível em: <http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia>. Acesso em 18 de setembro de 2012.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas** • Jul./Set. 2001. São Paulo, v. 41 • n. 3 • p. 8-19. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>. Acesso em 24 de setembro de 2020.

PAPER, Invited. **Subjetividade, trabalho e ação**. Production Print version ISSN 0103-6513 On-line version ISSN 1980-5411 Prod. vol.14 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2004 . Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132004000300004&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em 24 de setembro de 2020.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O Homem e o Trabalho**. Disponível em <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-homem-e-o-trabalho/15638>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

SAMARA, E. O que mudou na família brasileira?: da colônia à atualidade. **Psicologia USP**, v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200004>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

SCARANO, Renan Costa Valle. **Direitos humanos e trabalho: emancipação ou exploração?**. 31p. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2014. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/3594/1/RenanCostaValleScarano2014.pdf>. Acesso em 09 de novembro de 2020.

SILVA, Maria Cristina; BORGES, Livia de Oliveira. Condições de trabalho e clima de segurança dos operários da construção de edificações. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** vol.15 no.4 Brasília dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572015000400008. No dia 23 de novembro de 2020.

SIMIONATO, Caroline; OLIVEIRA, Isabelle Almeida de. A responsabilização das mães sobre a educação dos filhos: o reflexo das questões de gênero na demanda da política de educação na defensoria pública de presidente prudente. **ETIC 2016 – Encontro de Iniciação Científica**. ISSN 21-76-8498. Disponível em: <file:///C:/Users/manoel/AppData/Local/Temp/5485-14670-1-PB.pdf>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

TOITIO, R. D. O trabalho feminino frente ao domínio do capital. In: **III Simpósio Lutas Sociais na América Latina**, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008.

TORRES, Amélia Romana Almeida; CHAGAS, Maristela Inês Osawa; MOREIRA, Andrea Carvalho Araújo; BARRETO, Ivana Cristina de Holanda Cunha; RODRIGUES, Eryka Maria. O adoecimento no trabalho: repercussões na vida do trabalhador e de sua família. **SANARE**, Sobral, v.10, n.1, p.42-48, jan./jun. 2011.

AGRADECIMENTOS

“Quando eu contei meus sonhos para alguém
Me disseram são grandes demais pra você
Quando falei onde queria chegar
Me disseram pare por aqui não vá além

Mas com Deus foi bem diferente
Ele me disse vá em frente eu contigo estou
Quando eu senti medo de seguir
Ele disse: "filha"
Prossiga eu te fiz pra ser um vencedor

Desde então eu nunca mais me limitei
Eu guardei no coração as palavras de Deus
Descobri que os planos dele para mim
São muito maiores que os meus.” (Fonte: [LyricFind](#) Compositores: Leandro Borges Pedro
Letra de Deus e Eu © Sony/ATV Music Publishing LLC)

Agradeço a ti ó Deus por tudo que tens feito por mim ao longo dessa caminhada. Obrigada por me encorajar todas as noites ao longo de todos esses anos, mesmo sabendo das minhas limitações.

Agradeço por todas as minhas amigas: Ana Cláudia Amorim, Flávia Sonally, Emmanuelle Alexandre, Ioredanna Thiala que diretamente ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui, com os seus incentivos e suas palavras de força e fé.

Agradeço em especial a minha irmã Jessica por todo seu amor, ajuda e compreensão para comigo nos momentos de aflição, sem a sua ajuda, minha irmã, eu não teria conseguido.

Agradeço aos meus pais por sempre acreditarem em mim e na minha capacidade de superar as adversidades. Vivenciei inúmeras situações que me levava ao desânimo e a vontade de desistir, pois aliar trabalho aos estudos requer muito do estudante. É árduo, mas eu sei que em todos os momentos eu nunca estive só, Deus se fazia presente em todos os meus desafios. Eu não sei o que o futuro tem reservado para mim, só sei que minha jornada continua. Que venha outros sonhos, outros projetos, outras realizações, pois é isso que nos move.